



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

A origem do mundo

A alternativa é de foro íntimo. Religiosa, biológica, as explicações se sucedem. Mas no campo das artes a história é outra. Ano e autor são conhecidos. Foi em 1866, atendendo a uma encomenda de um diplomata turco, que Gustave Courbet pintou *A origem do mundo*. E de lá para cá, do mesmo modo que a humanidade caminhou as derradeiras décadas do século XIX, e todo o século XX, num fio tênue entre a euforia e a sombra, a trajetória trilhada por esta obra é uma narrativa das mais surpreendentes.

Republicano, anticlerical e socialista, Courbet era conhecido por seu narcisismo e por uma intensa repulsa ao didatismo nas artes. No campo das vaidades intelectuais, era detratado por seus inimigos, entre eles, homens célebres como Alexandre Dumas, filho, através de epítetos nada elogiosos, entre os menos ofensivos, possíveis de serem reproduzidos sem ferir os ouvidos mais delicados, pode-se listar: "truculento, tagarela e escandaloso".

Mas sua conhecida excentricidade e seu gosto por polêmicas, alimentadas por seu repertório dedicado a nus femininos, ou por ataques frontais como o que produziu com *O retorno da conferência*, em que pinta um grupo de clérigos embriagados, não impediram que seu talento, alimentado por horas passadas no Louvre, estudando Velásquez e Rembrandt, fosse equiparado ao dos maiores pintores do século XIX. Pai do realismo, Courbet é autor

de telas que modificaram o rumo das artes. Entre elas, a impressionante *A origem do mundo*.

Apresentando numa perspectiva inédita um corpo de mulher parcialmente despido, em que se nota o ventre, uma parte dos seios, as coxas e a genitália, o quadro faz parte da grande retrospectiva aberta no Grand Palais, em Paris, neste ano em que se completam 130 de sua morte, com encerramento previsto para 28 de janeiro de 2008.

A singular história dessa tela tem passagens memoráveis. Courbet a produz como um presente concedido a um colecionador de arte, que já possuía uma de suas obras mais conhecidas, *Sono*, em que duas mulheres dormem nuas, abraçadas, dividindo a mesma cama. Anos depois, *A origem do mundo* seria vendida, sem muito alarde, para sanar as dívidas de seu proprietário. Depois de um desaparecimento temporário, a tela irá ressurgir apenas em 1913, em Paris, sendo comprada por um colecionador húngaro. Passa os anos da Segunda Grande Guerra guardada num cofre de banco em Budapeste, mas com o fim do conflito, reaparece nas mãos do Exército Vermelho. A obstinação desse colecionador o levará a recuperá-la em 1950 para então revendê-la. Jacques Lacan a adquire para presentear sua esposa Sílvia, e então nos anos seguintes a tela torna-se um deleite restrito à família do psicanalista e de seus convidados mais íntimos.

O modo como a obra era exposta, mesmo em ambientes privados, expressa bem o impacto que esta causou ao longo de gerações. Se Khalil Bey, seu primeiro proprietário, a utilizou como um adorno em seu suntuoso banheiro, ocultando-a por uma cortina, reservando sua exibição apenas aos mais próximos, Jacques Lacan, já em meados do século XX, irá proceder de maneira ainda mais peculiar. O psicanalista pede a seu co-cunhado, o pintor surrealista André Masson, que lhe pinte outro quadro para cobrir *A origem do mundo*. Desse modo, mesmo os convidados que têm acesso à edícula em que o quadro fica guardado, necessitam esperar que este seja "revelado" por seu anfitrião.

Essas excentricidades em relação à obra, além de corroborar o estilo de vida de seu autor, mais do que tudo parecem provas do efeito da arte de Courbet no ambiente pictórico. Assim como Flaubert na literatura, Courbet produz uma arte que rompe com as tradições clássicas e românticas, rompe com as apropriações de temas históricos, mitológicos e religiosos com que a arte dialogava. Estabelece assim o fim das camadas de ilusionismo que o artista interpunha entre obra e público. Sua pintura deseja revelar as coisas como elas são. Ou como bem explicita o artista, analisando uma de suas obras: "Não inventei nada. Todos os dias, ao fazer minhas caminhadas, via as pessoas miseráveis desse quadro".

Assim, já não são os heróis da antiguidade greco-romana que tomam as suas telas, mas a vida cotidiana dos homens, seus hábitos, sua rotina, os modos com que preenchem o tempo de sua existência. É desse modo que as paixões que rompem com o natural andamento dos dias são retratadas. Paixões humanas. Desejos e ambições humanos, que movimentam nossa espécie. E a exposição do corpo, não retocado, visto em sua nudez reveladora, com o impacto que sua presença não mitificada impõe, traz uma vitalidade inesperada à atividade pictórica.

Com a morte do casal Lacan, seus herdeiros irão utilizar *A origem do mundo* como forma de amortizar os

valores cobrados pelo Estado francês sobre o inventário de Lacan. E desse modo a obra encerra sua peculiar epopéia sendo anexada ao acervo do Museu d'Orsay. Criador independente, precursor do artista vanguardista que povoaria o século XX, Courbet de certo desaprovava o desfecho desse longo percurso. Numa carta a um amigo, em 1850, exprimia bem sua posição em relação ao poder público: "Em nossa sociedade, tão bem civilizada, é preciso que eu leve uma vida de selvagem; é preciso que eu me liberte mesmo dos governos."

Essa foi a posição que Courbet ocupou ao longo de sua vida. Afirmando tanto em seus discursos como em suas ações práticas sua relutância quanto à oficialização da atividade artística. Entre suas passagens mais célebres não há como não ressaltar sua recusa à Legião de Honra francesa que, em 1870, Napoleão III lhe concedeu. Sua carta ao ministro das Belas-Artes francês, em que referenda sua posição, é um dos documentos mais contundentes e reveladores de sua posição ética, do lugar que o artista deveria ocupar na sociedade:

"Meu sentimento de artista também opõe-se a que eu aceite uma recompensa que me é outorgada pela mão do Estado. O Estado é incompetente em matéria de arte. Quando decide recompensar, usurpa o gosto público. Sua intervenção é inteiramente desmoralizante, funesta ao artista, que ela engana a respeito de seu próprio valor, funesta à arte, que ela aprisiona nas conveniências oficiais e que ela condena a mais estéril mediocridade; seria sábio para ele abster-se. O dia em que ele nos deixar livres, terá preenchido seus deveres em relação a nós."

É certo que essas passagens aqui descritas não nos ajudam a entender a origem do globo em que os nossos dias são vividos. Mas não nos restam dúvidas de que o homem a retratou à sua maneira deu origem se não a um mundo novo, a um mundo transformado. Um mundo em que os artistas tinham por sina e ofício o aprendizado de uma ética própria, mesmo que para afirmá-la fosse necessário romper com o mundo estabelecido. 

"Como Flaubert na literatura, Courbet produz uma arte que rompe com as tradições clássicas e românticas, **rompe com as apropriações de temas históricos, mitológicos e religiosos com que a arte dialogava**"